

Cristiano Sousa

Melissa

1ª Edição

Salvador

Cristiano Ferreira de Sousa

2012

Melissa

Cristiano Sousa

A todos aqueles que, direta ou indiretamente, indicaram veículos para me transportar até aqui, e a Deus, que mostrou todos os caminhos.

Melissa

Mudando o rumo

Este é o meu segundo romance, que teve o seu início logo após o termino de O JORNALEIRO, mas foi interrompido pela decepção do não lançamento deste durante dez anos. Agora, com a popularização da internet, as forças foram renovadas, as obras estão aparecendo; reavaliei os manuscritos e os achei dignos de serem reescritos, aproveitando apenas os seis primeiros capítulos, alterando-os e descartando os outros seis ou sete... mudando completamente o rumo da vida destes jovens que serão conhecidos nestas páginas. E está aí, para todos: MELISSA.

Melissa

SUMÁRIO

1 - Capítulo I	09
2 - Capítulo II	19
3 - Capítulo III	23
4 - Capítulo IV	30
5 - Capítulo V	37
6 - Capítulo VI	41
7 - Capítulo VII	44
8 - Capítulo VIII	49
9 - Capítulo IX	54
10 - Capítulo X	60
11 - Capítulo XI	64
12 - Capítulo XII	67
13 - Capítulo XIII	70
14 - Capítulo XIV	74

Melissa

I

A cidade do Salvador amanheceu em mais um dia de grande animação. As pernas estavam em movimento: da direção desconhecida para direção nenhuma, algumas pra trabalhar e outras pra vadiar. Quem não andava, descansava, porque a noite anterior foi terrível de alegre e aquele dia prometia.

Rodrigo observava esse alvoroço da varanda de seu apartamento na Barra. O carnaval impressiona a todos.

_ Cambada de vagabundos!

Disse isso a Dindin, sua pequena *poodle*, que ouvia como se entendesse o dono, enquanto ele falava como a quem conhece a nossa maravilhosa língua vernácula.

Rodrigo Adriano de Macêdo era homem de bem; acabara de completar a maioridade; rapaz rico e vistoso, residia em um dos melhores bairros de Salvador; filho de pais bem sucedidos, donos de grandes empresas por todo Brasil, a única preocupação

Melissa

que tinha era fiscalizar em quanto havia aumentado o saldo de sua conta num grande banco estrangeiro (caso contrário, não poderia reclamar do papai se, porventura, esquecesse de por sua mesada)

A “cambada de vagabundos” a qual ele referiu-se, quando não voltavam pra casa, passavam as manhãs de carnaval nos circuitos, matando o tempo como podiam, e a maneira que mais gostavam era tomando banho de mar (quando na Barra) sem abrir mão de uma loirinha gelada. Dentre esses estavam três meninas bonitas, que gostavam muito de curtir a vida em liberdade: Kátia, Jucimara e Melissa, garotas extrovertidas, mimadas, impetuosas, que não admitiam interferência de qualquer tipo em suas vidas, apesar de serem menores de idade. Cultuavam o prazer total. Ai de quem dissesse que elas não podiam, por exemplo, ir a uma festa (era briga feia na certa).

_ Meninas!... Mãe, outro dia, não queria que eu sáísse, dizendo ela que ‘pra casa não ficar sozinha’.

Essa era Jucimara contando um caso para as duas colegas que lhe faziam companhia, sentadas em cadeiras de praia pertencentes a um amigo em comum, o Betinho, enquanto ele, de sua barraca, admirava aquelas sinuosas curvas.

Cristiano Sousa

_ E você ficou? Perguntou Kátia.

_ Que nada! Eu vou ficar em casa mofando enquanto meus pais se divertem!

Esse era o tipo de conversa do trio. Gabavam-se por saber que em casa quem mandava mais eram elas.

Jucimara, filha única, vivia reclamando dos pais por não lhe darem a devida atenção. Morava no Caminho das Árvores, mesmo bairro de Kátia, sua parceira quase inseparável.

Melissa não era falastrona como as outras, gostava de ficar em seu cantinho, só ouvindo o que as companheiras diziam, vez ou outra dava um palpite, uma opinião contrária, e assim ia levando a conversa com as companheiras de farra. Morava em um apartamento ali pertinho, em Ondina. Quando tramavam pra sair bastava que uma “batesse o fio” para as outras, e pronto.

O dia passou lento para todos que esperavam por mais aquela noite de festa. E ela finalmente chegou. Os principais pontos da folia baiana estavam hiper lotados desde o final da tarde.

Melissa

Foram se aproximando as quatro horas da madrugada e as três amigas farristas não perderam um lance da folia, já que o prédio onde estava localizado o apartamento da família de Melissa não ficava fora do circuito (elas deram uns pulinhos por lá para se abastecer). Naquelas horas, alguns dos melhores trios estavam passando. O carnaval de Salvador daquele ano foi um dos mais animados, segundo as meninas; bem organizado, muitos turistas, bom policiamento... Só faltou os namorados.

_ Aquele ali é um gatinho! Não é, Kátia? Essa pergunta quem fez foi a Jucimara.

_ Eu prefiro aquele que tá de barbicha! Respondeu Kátia.

_ É...Ele também é bonitinho!... E você “Mê”, já notou algum gostoso por aí?

_ Ainda não!...Ninguém me impressionou.

Estas eram as garotas, com seus abadá caríssimos, tentando ser notadas pelos garotos do carnaval.

E dessa maneira curtiram mais uma noite de festa. Houve fartura de alegria: muita comida, bebida e paquera...Até o momento que as meninas, como estivessem despertando ao nascer do sol que ia envolvendo o farol, sob a brisa fria e

Cristiano Sousa

salgada do mar baiano, decidiram visitar uma pessoa, velho amigo de Kátia, o qual residia na Barra a poucos meses. Antes de se dirigirem ao apartamento do amigo, ela e Jucimara despediram-se de outras colegas de farra, que lhes faziam companhia, enquanto Melissa dava um adeus a um gringo que conhecera na noite anterior, numa barraca próxima a delas. Essa despedida rendeu muitas curiosidades:

_ Quem é aquele? Cochichou Kátia no ouvido de Jucimara.

_ Não sei? Nunca vi com Melissa.

_ Depois nós é que somos as assanhadas, hein? “Jusse”?

_ Não é, menina?

Assim que terminou sua despedida, foi interrogada a respeito do estranho; sua explicação foi a seguinte:

_ Aquele é um finlandês que veio passar o carnaval aqui; eu o conheci quando a gente bebia na barraca de Betinho, ontem.

_ Mas, como não o vimos? Perguntou Jucimara.

_ Lembram que fui buscar uma cerveja na barraca de Jorge?...

Melissa

_ Ah!...Esperta! Então foi por isso que você demorou? Bradou Kátia.

_Isso!... Vocês sabem que a barraca de Jorge fica distante; lá também não tinha cerveja e ele teve que ir buscar em outro lugar. Foi quando esse rapaz chegou e ficamos conversando. O que tem demais?

_ Tá bom! Chega!...Parece um interrogatório! (Gritou Jucimara)
Nós vamos ou não na casa de seu amigo, Kátia?

_ É mesmo! Tá certa! Vamos indo.

E foram finalmente. No caminho Kátia lembrou-se de perguntar a Melissa:

_ Você sabe falar finlandês? Até agora eu só aprendi inglês e espanhol!

_ Estude minha filha!

Com esse conselho de Melissa, as três riram e foram pulando descontraídas. As meninas cortaram, como um relâmpago, as ruas amontoadas de pessoas; naquele início de manhã ainda tinha trios elétricos animando a capital baiana.

Rodrigo dormia nas alturas de seu apartamento “anti-barulho” quando foi despertado pelo seu celular, que tocou várias vezes.

Cristiano Sousa

_ Quem é? (Perguntou com voz de preguiça)

“ _ *Tá na hora de acordar!...* ”

_ Quem é? (Agora perguntou com mais lucidez)

“ _ *Não tá reconhecendo minha voz, não é?* ”

_ Não me diga que é Kátia?

“ _ *Pensou que fosse quem?* ”

_ Você tá onde menina? (Mostrou alegria)

“ _ *No portão do ‘seu prédio’ esperando pra subir* ” (Respondeu em tom de gozação)

Rodrigo, de imediato, mandou o porteiro liberar. Quando a campainha tocou, ele abriu a porta e...

_ Kátia!

O abraço de ambos foi daqueles que se dá apenas a quem tem saudades.

_ Que bom te ver! Você sumiu! (Falou o rapaz)

_ Eu sumi? Você é que desapareceu!

_ Como me achou?

Melissa

_ Tá lembrado do Renatão? Ele me disse que você tava aqui.

_ Aaaah!...(Exclamou Rodrigo, boquiaberto, mostrando ter lembrança). E elas, quem são?

_ Estas duas são minhas amigonas, Jucimara e Melissa.(Falou apontando para as meninas, que vinham logo atrás dela)

As garotas foram convidadas a sentar, isso depois de alguns cumprimentos.

Enquanto colocavam em dias as fofocas, Rodrigo preparava um lanchinho esperto para o trio, até chegar o momento em que Kátia voltou a conversa para o âmbito familiar:

_ Me diga! Onde tá o pessoal desta casa?

_ Viajaram todos.

_ E você ficou, porquê?

_ Eu pretendia ir também; como sabe, ninguém aqui gosta de carnaval.

_ Sei!...Que contradição! Vieram morar logo na Barra!

As amigas, sonolentas, balançam as cabeças concordando com esta observação.

_ Pois é, continuou Rodrigo, só que não deu porque meu pai deixou negócios aqui em Salvador e pediu que eu ficasse.

Cristiano Sousa

Falava isso quando veio da cozinha mastigando um belo pedaço de queijo que preparou para o lanche.

_ E não vai tomar nem uma cervejinha? Perguntou Melissa, deixando, sem querer, transparecer algum interesse pelo rapaz.

_ É...pode ser! Mas não hoje porque vou passar o restante da festa na casa de minha tia que mora em Itapuã, eu tô indo pra lá daqui a pouco.

O quarteto levou pouco tempo conversando porque as meninas estavam com sono e quiseram ir pra casa. As três saíram acompanhadas, até a portaria, por Rodrigo; neste momento o sol já estava totalmente de pé, lá no alto das nuvens. Antes de ultrapassarem o portão aconteceu um imprevisto:

_ Poxa! (Gritou Melissa) Esqueci o meu celular lá em cima!

_ Deixa que eu vou pegar! Falou rapidamente o pensativo Rodrigo.

_ E você sabe onde está? Perguntou a distraída garota.

_ Não, mas...

Melissa

_ Então eu vou ter que subir pra procurar, porque não tenho certeza de onde deixei, se no sofá, na cozinha, também fui ao banheiro...

_ Tá bom! Então vamos que eu te ajudo.

_ Eu não vou esperar! Reclamou Jucimara.

Kátia deu total apoio a “Ju”, elas perceberam a intenção da “tímida” amiga de farra, então foram embora, enquanto os outros dois voltaram ao apartamento a procura do celular.

Tempo pra isso não houve, porque, logo que adentraram o “ap”, o rapaz foi atacado ‘ferozmente’ pela moça, que o agredia com beijos e o seduziu por inteiro. Rodrigo até que tentou reagir (não esperava aquele ataque surpresa) mas não resistiu. Apesar de não estar muito afim, tudo acabou na cama.

II

Foi tudo muito bom, foi tudo muito bem, mas os dias de festa terminaram; agora a cidade descansava dos seus belos momentos de animação.

Rodrigo, como tinha dito, foi à casa de sua tia, moradora de Itapuã, e “atracou” por lá até que baixou a poeira. Alguns familiares também haviam voltado de viagem (Pai, mãe e a irmã), os avós maternos quiseram ficar mais um tempo em Blumenau, cidade natal deles. Foi preciso uma semana, aproximadamente, para que cada um relatasse a sua estória durante esses dias de folga, o rapaz falou sobre o seu tormento e solidão durante a festa e também sobre os negócios que estavam sobre sua responsabilidade; os pais, Dr. Osvaldo e Neide, falaram sobre as maravilhas de Veneza e a irmã, Brenda, sobre tudo que a deslumbrou quando passou com os amigos por Miami:

Melissa

_ “Rô”, você perdeu! Eu fui a um shopping e assisti o show do sósia de...

A garota, que era mais velha que o irmão, toda vez que voltava do exterior trazia as novidades dos países por onde passou (aí que o papo ia longe!)

Envolvida na alegria familiar estava Dindin, que se encontrava boa parte das vezes deitada confortavelmente sobre uma pequena almofada posta por Rodrigo em suas pernas. Era um dos robes prediletos dela: deitar sobre o colo do dono e ficar “prestando atenção” nas conversas, Brenda chegou a observar:

_ Parece que ela entende tintim por tintim do que a gente diz.

Esta era a família de Rodrigo: unida, afetiva, descontraída e sobretudo, rica. Levavam a vida na maior sintonia.

Passados aproximadamente um mês do término do Carnaval, Rodrigo recebeu um telefonema inesperado. A pessoa marcou um encontro com ele na praça de alimentação de um shopping ali perto. Chegando lá:

_ Oi! Como vai? (Perguntou o Rapaz)

_ Tô bem! E você?

Cristiano Sousa

Este “tô bem” soou como uma agradável ironia quando saiu dos lábios da doce Melissa. Ambos estavam ainda de pé quando pronunciaram essas palavras, depois sentaram em uma das muitas mesas dispostas no local e continuaram a conversa.

_ Fiquei surpreso quando você telefonou lá pra casa (ele realmente estava com cara de surpreso)

_ É? Porquê? Respondeu a moça, com um semblante mais sério que há um mês.

_ Sei lá!...Eu sou assim mesmo!

Os dois foram se descontraindo no decorrer do papo. Passaram o tempo lembrando os momentos bons e ruins do carnaval deste ano, claro que os bons sendo muito mais destacados, principalmente quando a conversa chegou no principal destes momentos.

_ Sabe, Rodrigo! Até hoje eu estou querendo saber o que você achou daquele lance...

_ Porque tá me perguntando isso?

Melissa

_ Curiosidade!...Melissa passou, disfarçadamente , o seu olhar sobre o copo do suco de laranja que bebia, misturando-o bem devagarinho com o canudo que vez ou outra ia em sua boca.

Os jovens conversavam tranquilamente. Rodrigo estava convicto que Melissa sentira saudades e estava querendo repetir a experiência do carnaval. Mero engano. O assunto que ela desejava tratar dizia respeito a algo mais sério, tão sério que, quando a menina começou a falar, ele se assustou. Rodrigo não deixou que Melissa finalizasse a explanação, ficou estagnado por alguns instantes. Após a paralisia, a ação que achou mais adequada foi fugir. Levantou de onde estava e saiu. A garota ainda tentou segurá-lo, mais a fúria foi tanta que, se ela insistisse seria capaz de haver um vexame, então, o deixou ir.

III

Rodrigo ultrapassou a porta de seu apartamento como um raio, não acreditava que aquilo pudesse estar acontecendo. “E agora!”(pensou). Procurava uma maneira de falar aos pais que teve um caso no carnaval e acabou sendo pego pelo acaso: sua parceira engravidou.

Dra. Neide aproximou-se dele, notou que o filho passara algumas horas deitado no sofá, de bruços.

_ Você está sentindo alguma coisa, meu filho?

Essa pergunta foi feita com a mais doce ternura de um coração, assim que “bateu os olhos” em seu filho, ali, descansando as suas dores no sofá, cabisbaixo como um jogador que perdeu tudo na última partida.

_ Não! (Respondeu ele, de uma maneira seca)

E querendo anular uma possível conversa, refugiou-se no seu quarto, deixando Dr. Neide, mãe dócil e mulher de faro

Melissa

aguçado, cheia de suspeitas, demonstrando isso numa fisionomia grave, bem séria mesmo!

Como já estava no horário costumeiro dele se recolher, ela deixou para tirar as dúvidas em outra oportunidade, e acabou fazendo o mesmo.

Melissa também voltou pra casa. Ainda não havia contado nada pra sua família sobre a assunto, preferiu priorizar Rodrigo e saber como esse se comportaria, o que viu não foi do seu agrado, ela não imaginou que a notícia fosse causar um impacto tão grande, também achou que a atitude rude do rapaz foi muito exagerada. Ficou perdida, pois sua decisão a respeito dessa gravidez dependeria de uma opinião dele, e como essa não veio...

— Já sei o que fazer! Não vou ter esse filho! Decidiu a menina, falando a si mesma em frente ao espelho do seu confortável quarto de dormir, e reparando o ventre, tentando achar alguma mudança que denunciasse o resultado da sua alegria no Carnaval.

Era cedo para que achasse. Mas essa atitude já demonstrava o quanto ficou preocupada com o fora levado de Rodrigo. Queria mesmo é que ele aceitasse, indignado ou não, o fato de ser pai.

Cristiano Sousa

Quando ficou sabendo que estava grávida, Melissa pensou muito sobre o que fazer da sua vida dali pra frente. Garota jovem e de futuro promissor, “bonita como as princesas” dizia sua mãe, menina vistosa em tudo: os olhos verdes, grandes e brilhantes (as sobrancelhas não deixavam de ser feitas), o nariz fininho, coisa de atriz; acostumada com os cortes da moda e as mudanças variadas nas tonalidades dos produtos de cabelo; a boca...nem te conto!...seus lábios eram carnudos, envolvidos num costureiro batom vermelho; seu corpo forte e bem alimentado aliava-se a uma estatura incomum para a maioria das mulheres, todo bonito e que atraía qualquer marmanjo que a visse desfilando pelas passarelas de Salvador. Então “pra quê filho!” (Pensou).

_ Estou muito nova! Só tenho quinze anos!

Depois disso foi dormir. Deitou-se no seu belo leito pensando o que fazer no próximo dia, desses pensamentos, um dos principais era “contarei ou não aos meus pais?”.

Ela acordou no dia seguinte com alguém a esperando na portaria do prédio.

Melissa

_ Quem é? De sua cama, com a porta fechada, perguntou à faxineira da casa, que foi quem lhe deu o recado.

Dito o nome:

_ Mande deixar entrar.

Eram dez horas da manhã, sua mãe, que neste dia não foi trabalhar, estava sentada na varanda do apartamento, apreciando o mar de Ondina, lendo o seu jornal, nem percebeu quando a filha abriu a porta e saiu. Melissa desceu rapidamente depois de saber quem a estava procurando, foi Rodrigo que decidiu lhe fazer uma visita. Ele a esperava sentado em uma das mesas do salão de festas do prédio. Quando a viu, sua atitude foi apenas mudar a pose na cadeira. Ela aproximou-se e o acompanhou.

_ Como soube que eu moro aqui? Iniciou a conversa.

_ Não lembra que me deu o endereço?

_ Ah!...Foi mesmo!

Rodrigo parecia, aos olhos de Melissa, não estar nada bem, a sua face nervosa denunciava algo de revelador, enquanto que com ela se dava o contrario, não tinha nada a revelar, sem nenhum nervosismo e já decidida sobre o que fazer.

Cristiano Sousa

_ Pensei que nunca mais ia te ver! Falou ao rapaz de uma maneira desdenhosa.

_ É que...

_ Veio fazer o quê aqui?

Colocou esta última frase de forma arrogante, não queria ouvir, apenas falar. Ele, apesar de ser interrompido em sua iniciada dicção, não mostrou descontentamento com a garota, sua intenção ali não era brigar ou discutir. Melissa, logo após impor a sua voz mais alterada, voltou a tranquilidade.

_ Eu vim aqui..

_ Pra quê?

_ Calma! Eu vou dizer!...

A verdade é que ela não queria conversa. Imaginou que Rodrigo iria falar da gravidez, de como cuidar da criança, fazer planos para o futuro, pedir desculpas pela sua atitude no shopping...e foi pensando mais e mais coisas. “Se ele veio pedir pra eu tirar a criança, perdeu tempo, não precisava se dar o trabalho!” Pensou nisso também.

Melissa

_ Então diz logo Rodrigo, eu não tenho tempo a perder!
Exclamou em voz alta, fingindo querer fazer um escândalo.

_ Calma! (Insistiu o rapaz) Eu só vim aqui pra saber direito sobre a gravidez.

Pôs mais brandura na voz quando citou a palavra “gravidez”.
Ele não gostava de escândalos (lhe diziam que era do sangue).

_ Ahh!... Agora você quer saber da gravidez?

Ela ironizava a todo momento, não gostou da presença dele ali, podia atrapalhar os seus planos, que era desfazer o “erro” cometido no Carnaval o quanto antes. Rodrigo, como se não estivesse ligando para as ofensas, deu continuidade a conversa:

_ Eu quero saber o que vamos fazer agora!

Cochichava bem próximo à menina, tentando não demonstrar o seu nervosismo; esperava uma palavra de consolo dela como outrora foi esperado dele, no shopping. Melissa, sentindo uma pressão interior enorme que lhe tomou naquele instante e achando ser também a vontade dele, desabafou:

_ Você não sei, mas eu já me decidi.

“Finalmente!” Pensou o rapaz. Era o que ele esperava, uma decisão. Pôs a sua cadeira um pouco mais próxima a da garota.

Cristiano Sousa

_ Então diga o que você decidiu!

_ Eu vou tirar essa criança!

Falou com calma e facilidade, olhando bem na face dele; nenhum soluço, nada de medo ou remorso, tudo na maior naturalidade.

Pasmado mesmo ficou Rodrigo. Tinha pensado nessa hipótese mas a descartou pois não achava que ela teria coragem. Ficou imóvel e de olhos esbugalhados, fitados na moça.

Como ele não falou mais nada, Melissa levantou e saiu dali. Voltou ao seu quarto, trocou o shortinho jeans e a camiseta (estava mais pra um pedaço de pano) que usava, por uma roupa um pouquinho mais composta, e saiu. Nem respondeu à própria mãe quando esta lhe perguntou:

_ Você não foi pra escola hoje! Pra onde vai?

Rodrigo, que só andava bem vestido (estava em trajes sociais), levantou-se e foi pra casa.

Melissa

IV

Mais um belo dia de sol em Salvador; Rodrigo estava indiferente a este por dois motivos: a conversa com Melissa e a aversão a praia, como ao Carnaval.

Dra. Neide percebeu a fisionomia abalada de seu filho assim que ele põe os pés dentro de casa. A elegante senhora degustava um saboroso copo de leite enquanto conversava na sala com uma antiga amiga, esta que não percebeu nada de estranho no moço, apenas o achou bonitinho. Mas coração de mãe é outra coisa. Rodrigo segue para o seu quarto deixando as duas num gostoso bate papo, Dra. Neide não expõe o que sentiu no momento e o deixa ir apenas com essa exigência:

_ Onde você estava, filho? Pergunta amavelmente.

_ Fui na casa de um colega!

Mesmo tentando disfarçar, ele não conseguiu esconder a tristeza no olhar e na voz. O rapaz adentra o seu aposento cabisbaixo, batendo fortemente a porta, mas com pouca percepção dessa sua atitude, os seus pensamentos voavam longe, estavam em Melissa. Jogou-se sobre sua confortável cama de

Cristiano Sousa

solteiro (que mais parecia de casal) tendo desenhado na mente a figura de um filho seu, via-o recém-nascido, engatinhando, caminhando, jovem, adulto... “Como será ele se não for assassinado” pensou.

Rodrigo fazia o tipo tímido, uma pessoa que não curtia muito as festas, menino muito caseiro. Apesar de tudo isso as mulheres não largavam do seu pé, segundo elas, ele era um “gatinho” (vez ou outra aparecia uma bichana a sua procura). Não fazia academia, tinha um bom físico por natureza.

O jovem permaneceu de bruços na cama, olhando fixo a parede em sua frente, depois virou-se e decidiu contemplar as outras coisas também: guarda-roupas, telefone, computador, televisão, aparelho de som... depois passou mais alguns instantes contemplando o lustre, tão formoso e detalhado que foi comparado ao sol, sendo assim, a pintura branca no teto poderia ser as nuvens do céu. Nisso ficou, com a cabeça sobre as mãos, cujos dedos brincavam de enrolar os cabelos castanhos, cortados de acordo com a moda e que en vaidava o rapaz.

Melissa

Após esses poucos momentos de contemplação, veio um lampejo em sua mente, como estivesse despertando de um sono, foi quando levantou subitamente, trocou-se ligeiro, dessa vez pegou no guarda-roupas dois modelos bem confortáveis: uma camisa de manga curta, listrada em cores diversas e uma bermuda de veludo verde, que ia até os joelhos. Voltando à sala, viu sua mãe de pé, defronte a janela, observando o nosso mar baiano.

_ Mãe!

Dr. Neide revira os ombros e levanta a face para atender ao seu filho querido.

_ Sim filho! O que você quer? Respondeu carinhosamente a seu caçula.

Coisa que não era comum (em público) à Dra. Neide Fernandes de Macedo. Pessoa séria, empresária de caráter e alto nível, não admitia falhas na sua vida profissional, era bastante rígida, coisa que não transparecia a quem conhecesse ela de uma maneira mais íntima. Como esposa, era vista pelo marido como um exemplo, o que lhe enchia de orgulho; como mãe, era muito respeitada pelo casal que gerou.

Muitos dizem que Brenda se parece muito com ela [aqui pra nós, eu, particularmente, não acho]. Pense numa jovem cheia de veias aparentes (não tinha tratamento que desse jeito); só as meias-calças, vestidas nas pernas grossas e branqueadas, que sustentam o corpo pesado e a cara inchada, amenizam a vergonha que a garota sente de si própria. Apesar disso não era gorda, mas bem encorpada.

_ O que foi, menino? Vamos! Diga! Insistiu Dr. Neide, percebendo que o filho retraía-se.

Ele aproximou-se, quase que ficando no cara a cara com a sua coroa, encostou-se no sofá, pondo o seu traseiro rechonchudo no braço do móvel. Ficou procurando as palavras certas no seu vocabulário para começar a falar.

_ Sabe o que é, mãe?

Antes mesmo de falar, Rodrigo já fazia o papel de arrependido, não sendo ator, mas deixando transparente em sua face o remorso.

Melissa

_ É que tem uma menina aí que... tá grávida de mim. falou passando os dedos entre os cabelos.

Que grande surpresa para Dr. Neide. Foi tanto que ela logo gritou:

_ O quê, Rodrigo?... O que é que você tá me dizendo, menino?

O “menino” pasmou-se com tal irritação de sua mãe, é certo que ele não esperava lisonjas, mas a maneira que se expressou surpreenderia a qualquer que fosse íntimo seu, tanto que o filho insistiu:

_ Calma mãe! A senhora pode me deixar terminar de falar?

Não queria deixar.

_ Que falar o quê! Você engravida a filha dos outros e ainda quer se explicar?

_ Mãe, isso acontece com qualquer um!

_ E ainda vem com piadinhas!...

_ Não é piada, não. E o pior... Meu coração tá angustiado porque... ela vai tirar a criança (revelou pausadamente). Eu não ia conseguir esconder isso dentro de mim!

Cristiano Sousa

Dra. Neide, atônita, mira por alguns instantes a face triste do seu filho, este que não consegue fazer o mesmo, então senta no sofá e baixa a cabeça.

_ Quem é essa menina?

_ Uma pessoa que conheci no carnaval.

_ Ah, é?... Quer dizer que a gente sai e o senhor se solta, aventurando pelos motéis? Ou será que foi aqui em casa? (Pôs as mãos nas “cadeiras”)

A essa pergunta Rodrigo não respondeu, apesar da mãe insistir um pouco, permaneceu cabisbaixo, dando a entender que para ele a conversa terminou. Percebendo isso, ela também finalizou sua parte com essa colocação:

_ Pois bem! Deixe que Tire!

Disse isso e saiu, com seu filho a lhe observar, um tanto surpreso com essa atitude.

Enquanto Rodrigo dialogava com sua mãe, Melissa estava em outra parte da cidade, com uma médica conhecida da família, em oculto e disposta a confirmar sua decisão naquele dia.

Melissa

À noite, quando descansava em seu quarto e o ponteiro pequeno do relógio no sete, o celular do rapaz toca, a voz era de mulher. Aquela seria mais uma na sua lista se não fosse pelo fato de ser a mãe da garota o intimando pra uma conversa. Aquilo o pegou de surpresa, mesmo assim ele aceitou.

_ Onde? (Perguntou ele)

_ Pode ser aqui!

_ Que dia?

_ De preferência amanhã, pela manhã.

_ Então o.k.! Estarei aí.

_ Tá bom! Tchau!

_ Tchau!

Desligando o celular, Rodrigo correu para contar a sua mãe sobre o recado, Dr. Neide estava na sala absorvendo uma pequena xícara de café e logo se prontificou para acompanhá-lo.

V

O amanhã chegou. Mãe e filho se fizeram presentes aproximadamente às nove no apartamento onde Melissa morava.

_ Podem entrar!

_ Bom dia! (Disse a mãe)

_ Com licença! (Concluiu o filho)

E foram entrando, recepcionados na porta pela simpática Doutora Tâmara, mãe da menina, que pediu que sentassem.

_ Você é o Rodrigo?

Confirmou.

_ E a senhora?

_ Meu nome é Neide.

_ Tudo bem? Eu sou Tâmara, mãe de Melissa. A senhora a conhece?

Melissa

_ Não!

_ Mas seu filho, sim...Não sei se a senhora sabe, mas os dois andaram se encontrando no carnaval e a minha filha engravidou.

_ Eu fiquei sabendo disso ontem, querida, e já estava pensando em vir conversar com a senhora. (Dizia em tom claro e calmo)

_ Pois bem! A poucos dias Melissa descobriu que está grávida e não me disse nada, como tá no início, quase não se percebe os sintomas...

_ E como a senhora ficou sabendo? (Perguntou curiosa, a Dr. Neide)

_ Graças a inexperiência dela!

_ Como assim? (Dessa vez foi Rodrigo quem perguntou)

_ Foi procurar uma médica, amigona minha, achando que ela tiraria a criança. Se enganou!

_ Menina!

Dra. Neide exclama como se estivesse abismada com a “revelação”.

Tâmara era uma mulher muito simpática, seu nome foi dado pelos avós paternos que tinham muitas tamareiras numa fazenda próxima a capital. Morava naquele prédio desde que foi

Cristiano Sousa

inaugurado, havia comprado seu apartamento quando ainda estava na planta. Nessa época Melissa era pequenina, criança que foi fruto de um amor mal acabado: sua mãe se casou, mas logo separou, pois seu pai preferiu ficar com “a outra”, então a mulher teve que se transformar em pai também. Como era filha única, recebeu uma boa herança, o que lhe deu tranquilidade para escolher o que queria ser na vida; ela foi modesta, preferiu ser engenheira agrônoma por ter contato com a natureza desde pequena.

_ E cadê sua filha? (Faz mais essa pergunta a mãe de Rodrigo)

_ Melissa!

Ao ouvir o grito da mãe, a menina aparece na sala, vinda do seu quarto, e olha a todos os presentes, carregando na face os traços da vergonha.

_ Continuando. Eu quero saber dos dois o que pretendem fazer daqui pra frente, porque eu não quero tomar conta de neto!

Antes que sua mãe dissesse qualquer coisa, Rodrigo se levanta e expõe a sua decisão:

Melissa

_ Dona Tâmara, eu sempre assumi as minhas responsabilidades, e com a sua filha não vai ser diferente.

_ Então eu posso ficar tranquila?

_ De minha parte, sim!

Diante da decisão do filho, Dra. Neide se sente inerte, e não fala mais nada.

Debaixo de toda essa pressão o casal pede um tempo pra conversar, coisa de dois ou três dias. Acabam resolvendo “se juntar”.

VI

Daí por diante correu tudo na santa paz, e o tempo voou.

Rodrigo tratou logo de arranjar um apartamento para morarem, e também um emprego junto a seu pai, Melissa preferiu permanecer com a mãe a maior parte dos nove meses, Tâmara concordou, porque senão a filha poderia ficar sozinha.

A atenção em Melissa aumentou por todos os que faziam parte das duas famílias, mais ainda quando ficaram sabendo que a barriga era de gêmeos.

_ É um casal! (Alarmou a cunhada)

As amigas de farra viraram “inimigas” porque tinham o mesmo propósito:

_ Eu vou ser a madrinha! (Dizia Kátia, em público)

Melissa

_ Ah, não! Sou eu! (Replicava Jucimara, querendo tomar o cargo)

Nessa briga Melissa não se envolveu.

Dr. Osvaldo foi só orgulho, principalmente por vir um menino; então fez uma exigência, que estava mais para apelo:

_ Quem vai colocar o nome dele sou eu!

A futura mamãe programou um chá de bebê, não que ela estivesse precisando de doações, mas havia muitas pessoas que há tempos não via, então aproveitou a oportunidade para juntá-los. “Se a barriga não me permite ir às baladas ver os amigos, eu trago os amigos até mim.” Era o seu pensamento.

Certa tarde, nesses momentos em que já se pode ver o cair do sol, a garota começou a sentir as contrações.

_ Ai!... Ai, mãe! Gritou.

Tâmara, com toda a sua experiência, percebeu que era a hora. Estava tudo preparado, a mãe da menina apenas acionou o hospital o qual tinha convênio, daí por diante, ficou tudo por conta deles. No tempo estipulado a um parto normal, as crianças nasceram e Melissa voltou ao seu apartamento para continuar a aventura de ser mãe.

Cristiano Sousa

VII

As mulheres, quando estão vivendo os seus dias de resguardo, ficam tão fragilizadas quanto a um filhote de pássaro quando cai do ninho. Melissa não fugiu à regra. Precisava ter alguém para dar banho nas crianças, coisa que dona Tâmara se encarregou de fazer, como também o tradicional “mingau de cachorro” que dizia ser necessário a todas as mulheres que se encontram nesse estado, lembrando os tempos de interior. Apesar de contratar uma doméstica, se sentia sozinha, pois sua mãe não passava dessas duas tarefas que se auto encarregou, além de uma terceira, paparicar os netinhos, a isso ela tinha reforço triplicado de Brenda, Jucimara e Kátia, que volta e meia estavam lá, visitando Melissa, o que essa muito gostava. Dra. Neide, ao contrário delas, se encontrava sempre muito ocupada e vez ou outra ia ver as crianças.

A turma do paparico foi cessando a frequência na casa de Melissa com o passar dos meses, pois a necessidade ia

diminuindo a cada dia e a jovem mamãe, depois do resguardo, resolveu contratar uma babá.

Os bebês desenvolviam-se com a mesma rapidez do mundo: mamavam, engatinhavam e já começavam a dar os primeiros passos. A única que não perdeu o pique foi Kátia, continuando a visitar a amiga com o fervor habitual.

_ É porque eu gosto muito de criança! (Fazia essa observação quando alguém lhe indagava sobre toda a sua dedicação). Isso lhe rendeu muitos agradecimentos por parte da amiga, e mais, um pedido especial:

_ Mora aqui comigo, “Kak”.

“Kak” não aceitou a proposta, contudo, como gostava demais da pedinte, lhe prometeu ser mais presente do que era em seu ‘ap’, até dormir alguns dias ali; ambas estudavam na mesma escola e saíam juntas. Muitos achavam que a fidelidade dessas duas se restringia apenas às festas, o que não era verdade, Kátia mostrava isso a cada momento, e assim a amizade fortalecia cada vez mais, ao ponto de Melissa tê-la como uma confidente;

Melissa

muitas situações que se passavam entre ela e Rodrigo, em todos os aspectos do casamento, ficavam conhecidas pela colega.

Kátia, menina muito faceira, estava próxima a completar dezoito anos, já que a grande maioria dos jovens querem ser adultos, isso ia cair como uma luva para os seus planos. Comparava-se a amiga apenas na tonalidade da pele, apesar dela ter parentes europeus, e Melissa, não se sabe; porém, tinha qualidades físicas que a deixavam admirável, também.

Certa vez, resolveram fazer um passeio num shopping. Rodrigo folgava neste dia e as acompanhou. As crianças ensaiavam os seus primeiros passos e usavam roupas escolhidas pela mãe.

_ Oh! “Mê”, ficaram lindas!

Foi a observação feita por Kátia, elogiando a amiga, ao ver os pirralhos andando nos porcelanatos caros do estabelecimento.

_ Este vestidinho combinou com ela, não foi? Reforçou os elogios a própria Melissa.

_ Foi sim! Confirmou Kátia.

‘Ela’, a quem Melissa se referia, era a Andressa, nome posto por esta que se alto elogiava, ao menino, como já haviam combinado, Osvaldo pôs o nome de Daniel.

Cristiano Sousa

Rodrigo se preocupava mais em observar as vitrines, cheias de produtos importados e caros, o que traz a exclusão social, fortalecendo a marginalização. Ele não pensava nisso naquele momento, e dificilmente iria pensar em alguma outra ocasião, porque, quando a sua barriga reclamava, logo a alimentava, o que não podia fazer o mendigo que viram, ali mesmo, na entrada do shopping, implorando alguns centavos para calar a sua também; Melissa foi quem o ajudou com algumas moedas, sob essa suspeita:

_ Tomara que ele não use pra se drogar! (Falou aos outros dois)

O passeio foi um pouco demorado pois as meninas se impressionavam com cada novidade.

_ Tá vendo! Esse é o resultado de ficarmos tanto tempo sem vir no shopping! (Disse Melissa, a mais animada)

_ Olha que tamanco bonitinho! (Kátia observou numa loja de calçados famosa)

Rodrigo, o mais calado, comprava uma jaqueta que viu na vitrine ao lado.

Melissa

Ia tudo muito bem mas a turma foi embora, cheia de sacolas e caixas, não tiveram problemas porque estavam de carro. O atencioso pai sentou ao volante enquanto as amigas decidiam onde ir, como Melissa não deixava as crianças, e só há, em todo automóvel, dois bancos na dianteira.

_ É “Kák”, na vinda deu pra nós quatro aqui no fundo, mas na ida tá impossível, eu tô me apertando com as crianças e algumas sacolas que não couberam no porta malas. Vai aí na frente.

Realmente não dava. Então Kátia, usando a inseparável saia curta, aquelas que expõem as grossas pernas e às vezes mais um pouco, teve que sentar ao lado de Rodrigo, que, como vimos no shopping, é homem muito observador.

VIII

As crianças cresciam, coisa que o casal achava bom, pois quanto maiores fossem, os atrapalhariam menos; ainda não tinham um ano e os danadinhos já corriam todo o apartamento, mexendo, muitas vezes derrubando tudo o que tocavam, isso quando estavam apenas sob o olhar da mãe, porque, quando na responsabilidade de Lúcia, a babá, esses fatos não aconteciam.

— Vem aqui, menino, você vai acabar quebrando isso e se cortando! Era a bronca que dava em Daniel por ele tentar mexer na portinhola de vidro da estante, havia acesso fácil porque ficava na parte de baixo.

Lúcia era daquelas mulheres contrárias ao desaforo no serviço, apesar de ser jovem e bem cotada para trabalhos; não cuidava apenas de filhos dos outros, tinha quatro em casa. Quando

Melissa

achava que algo estava errado reclamava consigo mesma, na maioria das vezes. Melissa não fugiu às suas críticas:

_ Só chega tarde, essa menina!

O tarde referido eram os horários, muitas vezes extrapolados, em que sua patroa chegava em casa, abusando da boa vontade dela.

Até Kátia, inúmeras vezes, vinha direto da escola, se trocava, e ia passar algum tempo com as crianças, promovendo algumas horas de folga, em pleno trabalho, para Lúcia.

Certo dia Melissa demorou tanto que Rodrigo, acostumado a aparecer em casa depois das oito, chegou primeiro que ela.

_ Cadê Melissa?

_ Ainda não chegou “Seu” Rodrigo!

_ Onde será que ela está?... E as crianças?

_ “Durmiro” faz um tempo.

Vendo que Rodrigo se calou, olhando para o lado e ficando pensativo, a babá fez uma colocação:

_ Quem tá aí é Kátia! Disse que já falou com a mãe pra “durmi” aqui hoje.

Cristiano Sousa

Ao ouvir isso, ele abandonou de pronto tudo que congestionava seus pensamentos.

_ Quem?...Kátia tá aqui? (Perguntou, como se estivesse querendo repetição do que foi dito)

_ Ela foi ali comprar “uns negócio” e daqui a pouco chega.

Ele fez mais duas perguntas relacionadas as crianças (parecia ter esquecido a esposa naquele momento) e a dispensou.

_ Tá bom, Lúcia! Pode ir! Eu vou conversar sério com Melissa sobre esses horários. Não se preocupe!

Apesar de ver esta promessa com desconfiança, ela sentiu um certo consolo. Então tomou seu banho, trocou de roupa, arrumou as suas coisas e foi pra casa.

Quando saiu, Rodrigo iniciou suas preparações também: tirou toda aquela roupa pesada e vestiu um short, o mais curto que tinha, esquentou um pouco de macarrão que estava na geladeira, fez o acompanhamento com refrigerante, e dirigiu-se ao sofá pensando em assistir um pouco até o sono chegar, ou melhor... até Kátia chegar!... E ela chegou!

Melissa

Ao ouvir o toque da campainha, Levantou-se logo; teve dúvidas de quem poderia ser, mas, ao abrir um pouco a porta, viu que era ela mesma. A menina entrou perguntando:

_ Cadê Melissa?

_ Não sei! Até agora não chegou.

_ É mesmo?... Menino! (demonstrou espanto)

Rodrigo se calou. Não parecia estar interessado em falar sobre a mulher, tanto que mudou a conversa:

_ E você, Como está?

_ Eu?...Como você está vendo!

_ É... O que eu tô vendo é que tá “toda boa”! (foi se aproximando até agarrá-la)

_ Rodrigo! Eu não tenho mais nada com você há tempos! Me solte! (Falou alto e claro)

_ E tá fazendo o quê aqui?

_ Não confunda as coisas! Eu tô aqui por causa de sua mulher!

Quando ela falou “mulher” a campainha Toca novamente. Rodrigo recompõe as boas maneiras rapidamente e vai atender. Dessa vez era Melissa.

Cristiano Sousa

_ Boa noite!

Com este cumprimento entrou em casa no mesmo clima que estava a noite: fria e misteriosa. Sua fisionomia ficou um pouco melhor quando viu a amiga.

_ Você tá aí?

_ É... Vou dormir aqui hoje, com você e a turminha.

_ Ah! Que bom! Amanhã nós vamos juntas pra escola.

Depois de dar atenção a Kátia, Melissa parece ter lembrado de seu compromisso de casada. Voltou-se para Rodrigo e lhe deu essa explicação:

_ Ah!... Eu atrasei porque tive que ensaiar uma peça na casa duma colega de escola.

_ Tudo bem! Apenas lembre de Lúcia e combine com ela da próxima vez.

_ Tá!

IX

Depois daquele fato, Kátia diminuiu a frequência naquele apartamento, com o álibi de ‘tô incomodando muito!’.

Quem não gostou da conversa foi Melissa:

_ Tá com raiva de mim, né? O que foi que eu te fiz? Pode falar!

_ Não é nada disso amiga!... Você sabe que gosto muito de ficar aqui, mas as vezes atrapalho.

_ Atrapalha quem?

_ Não se faça de boba!...

_ Que nada! Pode vir aqui a hora que quiser.

_ Não!... Eu não vou me sentir bem de chegar e ver você e Rodrigo numa cena ‘romântica’.

_ Quando foi que você viu isso?... Olha!... Tá bom!... faça como quiser. Só não me abandone, por favor! (Exigiu com um sorriso manhoso)

Cristiano Sousa

Melissa cedeu ao ver que a amiga bateu pé firme em sua decisão.

O medo de uma antiga chama reacender fez com que Kátia fosse tão taxativa com a companheira de tantas aventuras. Aquele lance no apartamento trouxe à sua lembrança momentos vividos com o homem que agora não era mais seu. Recordou os passeios nas praias, shoppings, viagens alucinantes, noites inesquecíveis. Muita curtidão nos tempos do descompromissado Rodrigo, e que ela não queria que voltassem mais. Havia terminado o namoro um ano antes daquele carnaval por ele demonstrar insegurança com seus ciúmes exagerados, coisa que não os fez inimigos, pelo contrario, a amizade ficou mais forte, e, se dependesse dela, não passaria disso. Junto com aqueles pensamentos vieram outros, agora de repreensão e alerta, trazidos na voz de Jucimara:

_ Olhe!... Cuidado com as suas visitas no apartamento de “Me”! Rodrigo ainda é afim de você. Não se faça de inocente. Eu não quero ver minha amiga triste.

Melissa

_ Que besteira Jucimara! A gente não tem mais nada! Eu mesma não quero!

Colegas de escola, em horas de intervalo, gostam de pôr as ideias em dias: namoros, brigas, esporte, lazer... fofocas em geral. Com as três amigas não era diferente. Certa vez conversavam sobre um fora que uma delas havia levado, quando Melissa lembrou de algo que tinha que comprar com urgência, Então pediu a Kátia:

_ Vai lá em casa pra mim hoje?

_ Pra quê?

_ Fala pra Lúcia que vou demorar só um pouquinho. Se eu não der satisfação ela pira!

_ Você não precisa falar pra ela que horas vai chegar!

_ Faça esse favor pra mim!... olhe, não reclame! Já tem um tempão que você não vai lá.

_ Poucos dias...

_ Ih, Kátia!... (Repreendeu Jucimara). Quando sair daqui você vai, dá o recado e sai logo.

Terminada as aulas ela fez o que Melissa pediu, armada com os conselhos de Jucimara: “vou e volto logo”.

Cristiano Sousa

Mas o destino lhe surpreendeu a chegar no apartamento e tocar a campainha, pois deu de cara com Rodrigo.

- Vai ficar me olhando? (Perguntou o rapaz ao ver a cara de surpresa dela)

Então entrou.

_ Não foi trabalhar hoje?

_ Fui! Mas estava sentindo umas dores e decidi voltar.

_ Por que não foi num médico?

_ Já fui. Ele me passou um remédio e só.

_ Cadê Lúcia? Eu vim falar com ela.

_ Quis ficar no ‘play’ com as crianças. Estavam abusando muito. Mas daqui a pouco ela sobe.

_ Então eu vou lá.

Não pôde porque Rodrigo a agarrou com firmeza.

_ Me solte!

_ Você está fugindo de mim?

Melissa

_ Já disse que não quero mais nada com você. Melissa é minha amiga.

_ E o que tem isso? Nunca pegou homens casados?

_ Ridículo! (Gritou na cara dele)

A menina labutou, não apenas contra um homem, mas também contra sua própria vontade, tanto que, quando esta enfraqueceu, ela cedeu.

_ Lúcia pode chegar...

Não teve desculpas para a carne e ela, mesmo mostrando não querer, foi levada ao quarto “à força”. Neste mesmo instante a babá vinha do elevador para o apartamento.

_ Estranho! Não me lembro de ter deixado a porta aberta! Ou será que foi o pai de vocês que abriu? (Disse virando o rosto na direção das crianças)

Lúcia entrou e deixou do mesmo jeito porque as suas duas mãos se encontravam ocupadas, uma que, além de estar com brinquedos guiava Daniel e a outra apoiava nos braços Andressa. Logo viu sobre o sofá a bolsa de Kátia, então percebeu quem estava ali. Mas onde?...

Daniel, muito agitado, fez menção de correr pela casa, ela não permitiu pois suspeitou algo e a brincadeira do menino iria alertar os outros presentes. foi na direção do quarto de casal tirar sua dúvida, estava trancado por dentro, o que não impediu a mulher de ter a conclusão pois a gemedeira estava alta.

Ela voltou para o *playground* com as crianças deixando a porta como havia encontrado.

X

Dali em diante Rodrigo e Kátia passaram a se encontrar secretamente num motel da cidade. Lúcia guardou o caso consigo, o que a incomodava. Às vezes, até ser observada pelo rapaz lhe causava desconfiança.

Certo dia Melissa quis saber como a babá fazia para que as crianças gostassem tanto dela, as duas conversavam próximas, coisa suficiente para atrair a atenção do dono da casa. Percebendo o olhar curioso do patrão, a empregada cortou a conversa:

_ Bom!... É isso aí dona Melissa!

E continuou os seus afazeres.

Naquele prédio havia uma outra moça que também tomava conta de crianças e que sempre trocava ideias com Lúcia, chamava-se Zelita. Todas as tardes as duas desciam com os pequenos e aproveitavam para por as fofocas em dias.

_ Menina, Você não sabe! Andrezinho me aprontou uma ontem!... (Dizia, mostrando espanto para a interlocutora).

Cristiano Sousa

Andrezinho era o menino que Zelita tomava conta. Continuou:

_ E você? É mais fácil lhe dar com esses dois ou com os pais?

_ Com esses! Não tenha dúvida minha filha! (Falou sorrindo)

Dias depois da descoberta do caso de Rodrigo, aquela moça aproximou-se mais da babá de Daniel e Andressa, começou a abrir sua vida, contando coisas íntimas de casa, da rua... antes restringia-se apenas a falar mal dos patrões. Não havia nada de sua intimidade que Lúcia não ficasse sabendo. Esse foi o final de uma das conversas entre as duas:

_ ...Depois que descobri que ele tava com essa mulher, começou a me bater.

_ Foi mesmo, menina?

_ Pois é!...

_ Eu também tenho uma coisa pra te contar!

_ É mesmo?

Lúcia hesitou. Sem perceber deixou brotar o desejo de descarregar o que sabia, incentivada pela intimidade que existia entre ela e a companheira de trabalho.

Melissa

_ É que...

_ Diga menina! Se tem alguma coisa te incomodando bote pra fora!

_ Mas você não pode contar pra ninguém!

_ Logo eu!... Pode Falar!

_ Um dia eu peguei ‘Seu’ Rodrigo e Kátia, uma menina que vem aí de vez em quando, no quarto.

_ Não me diga! Uma novinha que eu vejo vindo aí?

_ Fala baixo!... Ela mesma!

_ Aaah...(Expressou boquiaberta). E continuam se encontrando?

_ Não sei! Aqui eu não vi mais.

Permaneceram conversando até o horário costumeiro de se recolher aos apartamentos.

No dia seguinte, um fato curioso aconteceu. Ao botar os pés pra fora do elevador social, pelo qual subiu, Lúcia pega Zelita num finalzinho de conversa com Melissa; não deu pra perceber do que se tratava porque, logo que a viram, se separaram, a menina seguiu para a escola enquanto a outra parou e cumprimentou-a:

_ Bom dia!

Cristiano Sousa

- Você conhece?

_ Claro que sim! Já foi minha patroa.

_ É mesmo? E você não me disse! Tá vendo?

As duas riram e foram trabalhar.

XI

Rodrigo e Kátia haviam combinado, para depois do expediente dele, um encontro. Era noite de sexta-feira e os dois chegaram ao local no carro do rapaz, após terem ‘tomado umas’ ali perto. Do outro lado da rua estava um táxi, aparentemente inocente, mas no seu interior, olhos curiosos “filmavam” toda a cena.

_ Eu não disse que era aqui!

_ É verdade.

_ A minha amiga não falha. Ela trabalha pra família de Kátia a anos e fica sabendo de tudo. A mãe desta Já lhe deu flagrante aqui mesmo, com outros.

_ E ela não tem vergonha na cara mesmo!

_ Agora, praticamente de maior, é que não vai ter mais.

O casal de namorados, no quarto, não perdia um só minuto, pois a hora ali era cara. Quando se encontravam no auge do

Cristiano Sousa

acasalamento, a porta se abre de repente e eles são pegos com a boca na botija.

_ Melissa! (Grita Rodrigo, espantado)

_ Por que essas caras? Se vocês podem vir, eu e minha parceira aqui também podemos; nós alugamos um quarto juntinho ao de vocês. Disse isso segurando Zelita, que estava ao seu lado.

E da mesma maneira cautelosa que entrou, tentou sair, mas não pode porque Rodrigo, ainda no recinto e com um cobertor enrolado na cintura, a seguiu e agarrou-lhe o braço.

_ Me largue!

_ Como me achou?

_ Não lhe interessa! Considere-se solteiro! Pode continuar desfrutando da companhia da sua amante.

Ela puxou o braço e saiu daquele lugar com aquela que estava acompanhando-a. Ele voltou para o quarto mas não teve ânimo pra mais nada.

Melissa

XII

Desse dia em diante a vida dessa dupla se tornou um inferno. Melissa queria logo o divórcio e Rodrigo insistia para que ela lhe desse uma nova chance, o que não aconteceu. A notícia se espalhou por entre as famílias e os mais estonteantes comentários se ouvia:

_ Homem não presta mesmo! Não podemos dar um voto de confiança! (Esta era Tâmara, que fazia este comentário lembrando o pai de Melissa e ao mesmo tempo assistindo um filme de época que lhe trazia à memória os costumes de antigamente, quando relacionamento era coisa séria)

No apartamento da família do rapaz...

_ Eu sabia que esse casamento não ia dar certo! Dizia Dr. Neide, se lamentando, não pela separação, e sim pelo casamento ter acontecido.

Melissa

Dr. Osvaldo se absteve de opinar.

Entre as amigas Kátia e Jucimara a coisa foi feia.

_ Eu não te disse que se afastasse daquele cara? Essa era ‘Ju’ que repreendia fortemente a companheira num lugar afastado, dentro da escola.

_ Não foi porque eu quis!

_ Como não quis, menina! E agora? Olha o que você fez com nossa amiga!

O caso teve mesmo que ser levado a tribunal, pois o divorcio acabou sendo um problema menor com relação a guarda das crianças. Rodrigo não abriu mão delas, o que Melissa achava que iria acontecer.

_ Você tá fazendo isso pra me aborrecer, não é?

_ Te aborrecer porquê? Eu amo demais os meus filhos!

_ Não era o que demonstrava antes! Agora decidiu ser um pai de verdade?

Aquela situação incômoda levou aproximadamente quatro anos, o casal se separou e a guarda acabou ficando com Rodrigo, pra surpresa de todos, que, com seu bom advogado conseguiu provar que os filhos eram vítimas de maus tratos da mãe.

Cristiano Sousa

A moça não aceitou a decisão. Chegando na casa de Tâmara (onde voltou a residir) após o último veredito, entrou no seu quarto e lamentou-se muito. Teve que entregar os filhos, que até então permaneciam em seu poder.

XIII

Melissa deixou que as coisas esfriassem e, meses depois, colocou em pratica algo que havia decidido após a batida do martelo. Num sábado, quando as crianças desejaram passar o dia com ela, chamou as duas e lhes disse:

_ Mamãe vai levar vocês pra um lugar! Querem ir?

Alegres, os pirralhos gritaram numa só voz:

_ Queremos!

_ Então vamos!

A mãe pegou os filhos, desceu com eles o elevador até a garagem, pôs no carro e sentou ao volante. Tâmara estava ausente. Daniel e Andressa tinham uma pessoa pra tomar conta deles e que nesse instante as esperava no *playground*, sem perceber esta ação. Como toda criança, estas duas também eram muito curiosas, não deixando de notar a falta daquela moça. Melissa os enganou rapidamente:

Cristiano Sousa

_ Ela não quis vir agora!

_ Porquê? (Indagou Daniel)

_ Porque gostou desse prédio, hora!...

A resposta fez com que ele ficasse quieto por alguns instantes.

Mais fácil que enganar os meninos foi sair com eles pelo portão e ganhar a pista. O trânsito não estava engarrafado, o que a alegrou bastante pois facilitava seus planos. Ela pegou o celular na bolsa e deu um toque pra alguém. Conversando em finlandês. Guiava o seu carro para o aeroporto de Salvador.

Durante o percurso passou pela mente da garota muitas coisas boas. Melissa já se imaginava com um novo casamento, e dessa vez seria o homem que realmente ela amava, desenhava em seus pensamentos os filhos que geraria dele, via Daniel e Andressa crescerem num país mais avançado, perto de todo luxo europeu; tudo isso e mais outras coisas que o gringo vinha combinando com ela desde que se conheceram naquele carnaval. Ela não podia perder essa oportunidade porque...

Melissa

_ Hoje é o dia que ele vai embora e deixou claro que não iria mais adiar a viagem por minha causa, nem pretende retornar ao Brasil.(Falava consigo)

Chegando no aeroporto a garota estaciona o carro e encontra com o seu verdadeiro amor, que a esperava ansiosamente ainda na entrada, e se admira quando vê as crianças; ela diz na língua dele: “não se preocupe, eu tenho os documentos”. Olhando no relógio, o gringo viu que faltava pouco mais de meia hora para embarcarem e lhe deu pressa.

_ Pra onde vão?

Essa frase que surgiu repentinamente veio como uma ducha fria nos planos dos dois. Aquela voz era de Rodrigo, que, cercado por seguranças, aborda o casal.

A dupla ficou estagnada. A mulher até que tentou falar mas não vieram palavras em sua boca.

_ Quer dar um passeio sem minha presença, dona Melissa? (Fala com sarcasmo)

_ O que você quer? Veio me atrapalhar?

_ Calma! Eu só vim buscar as crianças!

_ E quem disse que eu vou te dar?

Cristiano Sousa

_ Bom!... Não quero te fazer mau, tanto é que estou te livrando de ser presa por querer viajar com documentos falsos, porém, se não me entregá-las por bem, terá que fazer por mal.

Melissa olha para o estrangeiro com os olhos em lágrimas porque viu que estava sem saída. Rodrigo a pressiona:

_ Se demorar muito vou acionar a polícia e vocês vão se dar mal.

Pressionada também pelo gringo ela entrega os filhos ao pai e contempla os dois serem levados.

Assim, quase que arrastada pelo seu amor, pois estava em cima da hora, ela pega o voo para a Europa.

XIV

Dáí em diante cada um passou a viver a sua vida, Melissa no estrangeiro com aquele que realmente amava e Rodrigo aqui na Bahia com as crianças e envolvido com uma mulher de outro estado. Apesar daquele momento constrangedor eles não viraram inimigos, pois a mulher sempre vinha e era bem recepcionada pelo ex-marido, muitas vezes passava dias, meses e até anos. Continuou a receber os filhos em casa (no apartamento de sua mãe) sem problemas. A ideia de levá-los consigo para o exterior havia sido extinta com o tempo.

Houve um fim de ano que passou aqui e os meninos, Já adolescentes, convidam-na para a virada na praia.

_ Tá gostando, mãe? (Essa pergunta foi feita por Andressa, que chegou junto quando a viu sozinha, molhando os pés nas águas)

_ Tá ótimo! Pode continuar se divertindo com sua turma!

Duas outras pessoas se aproximaram sem que elas percebam e uma se envolve na conversa:

_ Tudo bom?

Cristiano Sousa

_ “Ju”!... Como vai? (fala com surpresa e abraça a amiga).
Quanto tempo!

_ Também tô com muitas saudades. Você nunca mais foi me ver! Esse foi o único jeito pra gente se encontrar.

Depois daqueles cumprimentos Melissa observa a outra pessoa, que fica a parte, contemplando a cena que gostaria de estar também. Passados alguns segundos e nada sendo dito, é Kátia quem quebra o gelo:

_ Ainda está com raiva de mim?

Não recebe resposta e sim um abraço que falou por qualquer palavra, o qual retribuiu, se sentindo assim perdoada e livre do peso da acusação que lhe perturbou por todos aqueles anos.

Este encontro fez com que a noite voasse, como nos velhos tempos, sem magoas e ressentimentos, pois o perdão desfaz muitas maldições, e as bobagens do passado tem que ser lembradas como lição.

FIM

Melissa

Cristiano Sousa

Melissa

Cristiano Sousa